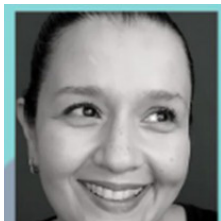
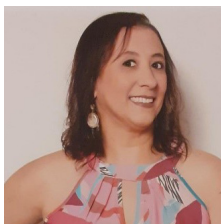


A importância da legendagem em materiais didáticos bilíngues



Vanda Cíntia Lopes Pessôa¹



Rita de Cássia Duarte Pinto²

¹Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Pedagoga e Mestre em Educação Bilíngue (PPGEB/DESU/INES). vacillope@gmail.com

²Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Pedagoga pelo Departamento de Ensino Superior (DESU/INES). Comunicóloga em Relações Públicas pelo Centro Universitário Newton Paiva (BH/MG). ritacd@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo destacar a importância da legendagem em materiais audiovisuais para alunos surdos. Este trabalho é baseado nas experiências das autoras, que aprenderam a legendar durante a graduação presencial em Pedagogia (DESU/INES), no grupo de extensão Legendagem e Acessibilidade, e agora estão envolvidas na produção de materiais didáticos para o curso de Pedagogia EaD da instituição. Na produção dos principais materiais utilizados no curso, a legendagem é um recurso de acessibilidade, mas também favorece o aprendizado de Libras aos alunos ouvintes, tendo em vista que as aulas são sinalizadas, tornando os materiais inclusivos. De forma concisa, perpassa-se pela história da legendagem e pelos entraves do percurso educacional dos discentes surdos. Da mesma forma, aborda-se a importância dos materiais didáticos que potencializam a aprendizagem dos conteúdos. A educação bilíngue de surdos encontrou na modalidade educação a distância um lugar favorável para os surdos, pois proporciona uma melhor experiência visual por meio das videoaulas, tornando o processo educacional mais acessível e dinâmico. Além disso, garante o respeito à identidade e à cultura dos alunos surdos. A partir desse relato de experiência, evidencia-se a viabilidade das legendas como uma ferramenta pedagógica eficiente no ensino da língua portuguesa para alunos surdos.

Palavras-chave: Acessibilidade; Legendagem; Educação de surdos; Materiais didáticos bilíngues.

Abstract

This article aims to highlight the importance of subtitling audiovisual materials for deaf students. This work is based on the experiences of the authors, who learned how to subtitle during their undergraduate degree in Pedagogy (DESU/INES), in the Subtitling and Accessibility extension group, and are now involved in the production of teaching materials for the institution's distance learning Pedagogy course. In the production of the main materials used in the course, subtitling is an accessibility resource, but it also helps hearing students learn Libras, since the lessons are signposted, making the materials inclusive. In a concise way, we go through the history of subtitling and the obstacles in the educational path of deaf students. It also discusses the importance of teaching materials that enhance the learning of content. Bilingual Education for the Deaf has found a favorable place for the deaf in the Distance Education modality, as it provides a better visual experience through video lessons, making the educa-

tional process more accessible and dynamic. It also guarantees respect for the identity and culture of deaf students. This experience report shows the viability of subtitles as an efficient pedagogical tool for teaching Portuguese to deaf students.

Keywords: Accessibility; Subtitling; Deaf Education; Bilingual Teaching Materials.



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK:

<https://youtu.be/PwkwPijYYsY>



Introdução

A educação a distância tem revolucionado o ensino superior. Por meio da internet, muitas pessoas que antes não tinham condições e tempo hábil para cursar uma faculdade, hoje, conseguem fazê-lo. Entre esse alunado, os sujeitos surdos encontraram na modalidade Educação a Distância (EaD) um ambiente educacional acessível devido ao uso concomitante do português e da língua brasileira de sinais (Libras) nos cursos com perspectiva bilíngue.

Ambas as línguas devem fazer parte da vida dos surdos. A Libras se configura como a primeira língua (L1) de uma parte deles. E o aprendizado da língua portuguesa é primordial para a construção da cidadania dessa comunidade dentro da sociedade brasileira. Além disso, os surdos se veem como um grupo que precisa da “experiência visual” (Lebedeff, 2014, p. 15) para concatenar as informações e conteúdos compartilhados.

Assim, a legendagem dos materiais didáticos audiovisuais se torna “um recurso de acessibilidade para os surdos, tornando possível a compreensão do contexto” (Pessoa, Morais, 2023, p. 19). As legendas podem ser consideradas um poderoso instrumento educacional, pois juntamente com o material imagético dos vídeos, elas podem contribuir na compreensão e ampliação do repertório linguístico e no conhecimento de mundo desses alunos.

Legendas inseridas em artefatos audiovisuais, como videoaulas, contribuem para promover o multiletramento dos alunos surdos. Quando os discentes conseguem entender o contexto, pode-se aproveitar a legendagem como recurso didático, ampliando conceitos, ressignificando palavras e iniciando novos con-

teúdos e discussões. Da mesma forma, as legendas podem auxiliar na prática da leitura de forma descontraída, por contextualizar o aprendizado e conectar os ensinamentos linguísticos às práticas cotidianas.

1 Educação a distância: democratizando o ensino

Segundo o Decreto nº 9.057/2017, no seu art. 1º, a educação a distância é definida como:

[...] a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (Brasil, 2017).

Essa flexibilidade confere aos alunos maior autonomia sobre seu ritmo de aprendizado. Essa abordagem personalizada pode melhorar significativamente a motivação dos estudantes e possibilita capacitar os alunos com conhecimentos, habilidades e competências, mas também promover a igualdade de oportunidades.

Em um mundo cada vez mais digital, a educação a distância emerge como uma ferramenta poderosa para atender às necessidades educacionais de diversas pessoas. Uma das maiores vantagens da educação a distância é a sua capacidade de democratizar o acesso à educação. Ela também elimina barreiras geográficas, permitindo que estudantes de diferentes partes do país tenham acesso a cursos superiores de qualidade.

A educação a distância tem sido fundamental na inclusão de pessoas com deficiência na educação superior. É o caso da graduação em Pedagogia EaD do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que, ao oferecer um curso bilíngue Libras/português, “transpõe obstáculos à conquista do conhecimento” (Alves, 2011, p. 90), proporcionando ao alunado surdo materiais didáticos que respeitam a necessidade da concomitância das duas línguas ao longo de todo o curso.

Em nosso País, essa modalidade de ensino teve seu início por volta de 1904, quando já era possível fazer cursos por correspondência. Com a evolução da tecnologia, foi possível aprender com o recurso televisivo, como era o caso do programa Telecurso, que apresentava aulas gravadas na TV e que foram exibidas por 36 anos.

Na legislação, o art. 80 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Na-

cional – Lei nº 9.394/1996) traz a EaD como modalidade de ensino, reconhecendo sua importância e a regulamentando para promover o acesso à educação de qualidade de forma flexível e inclusiva. A validação dessa modalidade tem promovido o crescimento do quantitativo de alunos surdos no ensino superior em todo o País.

Educação bilíngue de surdos

Com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais através da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a lei, entendeu-se que é direito dos surdos não só se comunicarem gesto-visualmente, como também serem instruídos através dessa língua. Porém, a lei deixa claro que a Libras não pode substituir a língua portuguesa escrita.

Desde então, os educadores de surdos tentam colocar em prática o que a lei e o decreto outorgam, mas existem alguns entraves. O primeiro deles seria o fato de que a maioria dos surdos nascem em famílias ouvintes que desconhecem a Libras. Considerando esse contexto, muitos surdos chegam à escola atrasados na aquisição de uma língua. Esse atraso dificulta a instrução e a comunicação tanto no âmbito familiar quanto no escolar (Andreis-Witkoski; Douettes, 2015, p.43).

Não só isso, mas também a situação diglósica da língua de sinais frente à língua oral majoritária do País (Felipe, 2012, p. 9). Sendo a Libras a primeira língua dos surdos e a língua adquirida com mais facilidade, ela sofre do desprestígio de uma língua de um grupo que é considerado minoria linguística. Enquanto o português, que deve ser aprendido como uma segunda língua, goza de prestígio social de uma língua nacional (Mottez, 2017, p. 21).

Essa simultaneidade das línguas na vida dos surdos os coloca em um bilinguismo compulsório, ou seja, o indivíduo surdo não escolhe, mas é forçado a conviver com ambas as línguas e essa “coexistência não é nunca neutra e pacífica” (Baalbaki, 2016, p. 327).

Além das questões abordadas, por ter uma estruturação gramatical diferente da Libras e também por ser assimilada inicialmente por via auditiva, fazendo com que crianças ouvintes cheguem à escola com um vasto vocabulário, a língua portuguesa se torna um aprendizado linguístico árduo e, às vezes, tardio na vida dos alunos surdos.

Segundo Lobo, “[a] história das polêmicas, dos avanços e recuos dos métodos usados no ensino de surdos perdurou por várias décadas. Parece ainda ser uma questão que, guardadas as transformações atuais, suscita o debate” (2008,

p. 427). A autora tem razão. Em pleno século XXI, os mesmos entraves apresentados ainda são enfrentados e os direitos educacionais ainda não são plenamente garantidos a todos os surdos brasileiros, mesmo com a recente conquista da Lei nº 14.191/2021 que alterou a LDB e incluiu a modalidade educação bilíngue de surdos no documento.

Esses progressos e retrocessos são frutos da mudança de perspectiva sobre os surdos. Inicialmente, era predominante a visão médica da surdez, em que os surdos eram vistos unicamente como deficientes pelo impedimento auditivo. Isso resultou em uma educação com o objetivo de “recuperação” pelo oralismo (Lima, 2015, p.46). Com os avanços das pesquisas socioantropológicas, “(...) essa imagem de surdo construída historicamente como deficiente desloca para outras regiões de significação, possibilitando a esse sujeito também se identificar por sua diferença linguística.” (Baalbaki, 2016, p. 328). Essa visão voltada para a diferença cultural e linguística tem resultado na busca por metodologias de ensino para os surdos que respeitem suas especificidades.

Na visão de Fernandes, o “acesso à língua portuguesa, como segunda língua, possibilitará a ampliação de suas relações sociais e a apropriação de elementos da cultura nacional, comuns a todos os brasileiros.” (2006, p.3). Assim, o aprendizado da língua portuguesa colabora para a autonomia dos cidadãos surdos.

Por isso, no caso deste trabalho, acreditamos que a união de materiais midiáticos e textos das legendas pode ser utilizada para o ensino de língua portuguesa como L2, pois materiais multimodais podem auxiliar na “multiplicidade de letramentos” (Street, 2007, p. 466) que esses alunos devem se apropriar para participarem ativamente das práticas sociais que os cercam. Dessa forma, as videoaulas trazem informações e conhecimentos de forma interessante e atual.

Legendas: um breve relato

O cinema tem seu início com os irmãos Lumière, Auguste e Louis, que criaram o cinematógrafo, uma espécie de câmera e projetor em um só aparelho. Esses irmãos franceses eram filhos de um fotógrafo que produzia suas próprias câmeras e películas. Eles queriam ver fotos em movimento e, com a criação do aparelho, eles criaram o filme. Por isso, eles são conhecidos como os pais do cinema. Na realidade, eles gravavam a vida cotidiana e passavam esses filmes para demonstrar o que seu invento fazia de fato, ou seja, registravam pequenos documentários da vida frugal. Segundo Melo (2002, p. 25), o documentário mescla a estética filmográfica com a realidade espontânea e a primeira projeção de imagens em movimento feita pela dupla de irmãos mostrava a saída de operários

de uma fábrica. A exposição desse filme ocorreu em 28 de dezembro de 1895. Assim nasceu o cinema.

Depois desse advento, nomes como George Méliès (1861-1938) e Thomas Edison (1847-1931) contribuíram para o desenvolvimento técnico de filmagens e projeções, além de conseguirem replicar as películas e distribuí-las internacionalmente (TV INES, 2019). Com a evolução do cinema e o com aumento do interesse das pessoas pelas sessões, foi necessário encontrar um meio de dialogar com o espectador. A inserção de textos entre as cenas foi o meio utilizado para contextualizar as pessoas que assistiam às películas. Assim nasceu a legendagem.

Porém, diferentemente do que muitas pessoas podem pensar, as legendas começaram a ser inseridas nos filmes mudos, com o objetivo de contextualizar o espectador e exprimir as falas dos personagens nos filmes que ainda não possuíam som sincronizado (Moraes; Pieroni, 2018, p. 88). O cinema mudo também utilizava as tipografias para apresentar os créditos iniciais e finais dos filmes. Na realidade, antes de 1909, as legendas eram chamadas de intertítulos. Nessa época, os intertítulos eram cartões escritos manualmente e filmados. Essas filmagens eram inseridas entre as cenas dos filmes. Com o primeiro filme sonoro, os textos passaram a ser colados em cartões ou em vidros na parte de baixo da tela. Dessa forma, receberam o nome de legendas.

Posteriormente, as legendas começaram a ser carimbadas na própria película do filme e lavadas com uma espécie de substância parecida com a água sanitária, originando letras brancas bem visíveis. Com o avanço tecnológico, nos anos 1980, as legendas passaram a ser colocadas nos filmes com laser, que formava uma queimadura na película. As letras ficavam brancas, mas com uma borda preta queimada, o que a tornava visível mesmo no fundo branco. Em 1992, com o cinema digital, a legendagem passa a ser resultado de softwares, como conhecemos atualmente.

Legendagem e acessibilidade

A legenda é um relevante recurso de acessibilidade para os surdos. Através dela, é possível mergulhar no universo proposto pelo filme ou vídeo assistido. Mas, essa imersão no assunto aborçado perpassa pela adequação da legenda para o público a que se destina. Legendas que apenas transcrevem o que é dito, muitas vezes, não contemplam esse público-alvo.

Considerando esse aspecto e levando em conta que cada vez mais os recursos midiáticos são usados na educação como forma de trazer a realidade cotidiana para as aulas, é relevante que as legendas sejam, de fato, um recurso que ajude os

surdos a acessarem as informações oferecidas.

Por isso, o grupo do projeto de extensão *Legendagem e Acessibilidade do DESU*, criado em 2015 pela professora Maria Carmen Euler Torres, trabalha para fazer com que curtas e longas em língua portuguesa sejam acessíveis aos alunos surdos da instituição. É importante ressaltar que a legendagem é referida como acessibilidade na Lei nº 13.146/2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), no art. 28, inciso XII, como “uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação” (BRASIL, 2015, grifo nosso).

Com o objetivo de oportunizar esse acesso às informações contidas nos vídeos, filmes e videoaulas, por meio das legendas, e compreendendo que o português se constitui como a segunda língua desses alunos surdos, ficou latente a necessidade de se pensar nas escolhas linguísticas das legendas produzidas no decorrer das pesquisas e do processo de legendagem do grupo. Em 2018, foi iniciado o projeto de pesquisa “Legendagem e ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos”, coordenado pela professora Maria Inês Castro Azevedo. Ambos os projetos trabalham conjuntamente.

As autoras deste trabalho começaram a participar das atividades do grupo no ano de 2017, quando ainda eram alunas do curso presencial de Pedagogia da instituição. Atualmente, continuam como colaboradoras e trabalham na equipe de produção de materiais didáticos para o curso de Pedagogia EaD (DESU/INES). Ao longo desses anos, discutimos e testamos algumas possibilidades nas legendas produzidas. Alguns de nossos dilemas foram expostos no artigo do grupo publicado na revista *Arqueiro*:

Pensar na atividade de legendagem voltada para pessoas surdas sugere uma série de questões. A legenda é uma transposição fiel do que foi falado? A legenda deve “simplificar” o que foi falado? Deve ser uma síntese do que o texto oral apresenta? A legenda deve considerar a presença de um docente que servirá de mediador entre a versão original falada e a versão legendada? São questões simples, mas muito delicadas (Azevedo et al., 2018, p.77).

Conforme as experiências decorridas no trabalho do grupo de pesquisa, percebemos que as legendas podem ser uma poderosa ferramenta educacional para os alunos surdos, porque elas se unem às imagens dos materiais audiovisuais, contribuindo para a compreensão e ampliando o repertório linguístico do aluno. Concordamos com Nascimento (2018, p. 51) que:

[...] as legendas em audiovisuais também, sob nossa percepção, constituem um recurso

importante de acessibilidade aos conteúdos audiovisuais e de acesso à Língua Portuguesa podendo auxiliar no desenvolvimento de práticas de leitura prazerosas e descontraídas.

Por isso, este artigo que é resultado da premiação do pôster apresentado no 22º Congresso Internacional e Seminário Nacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos (COINES), do ano de 2023, com a temática “material didático bilíngue na educação de surdos”, reitera que legendas inseridas em artefatos audiovisuais pedagógicos contribuem para promover o multiletramento dos alunos surdos e ouvintes.

Materiais didáticos bilíngues

Materiais didáticos são recursos utilizados no processo de ensino-aprendizagem para auxiliar a transmissão de conhecimento e a compreensão de conceitos. Eles desempenham um papel fundamental na educação, tornando o processo de ensino mais efetivo. Os materiais didáticos são projetados para atender às necessidades específicas de cada disciplina e faixa etária, tornando o processo educacional mais acessível e dinâmico.

Eles podem ser utilizados em conjunto com métodos de ensino tradicionais ou em abordagens mais inovadoras, como a educação a distância. Os profissionais que fazem materiais didáticos desempenham um papel fundamental, pois são responsáveis por criar e desenvolver recursos que auxiliem os educadores a transmitir o conteúdo aos estudantes e, segundo Sales (2005, p. 6):

Para produção do material didático em EAD em qualquer que seja a mídia, para potencialização desse recurso é necessário que profissionais qualificados nas diversas áreas façam parte de uma equipe de trabalho, onde a produção seja, efetivamente, coletiva, crítica e reflexiva, objetivando proporcionar o desenvolvimento da interatividade, interação e colaboração, garantindo a qualidade da aprendizagem dos alunos.

A criação de materiais didáticos acessíveis é essencial para garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades, possam se beneficiar do ensino. Profissionais de materiais didáticos bilíngues desempenham um papel crucial na garantia de que os recursos sejam inclusivos.

No curso de Pedagogia EaD (DESU/INES), a legendagem dos materiais dispostos no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) contribui para o ensino da língua portuguesa como segunda língua pelos alunos surdos, colaborando para a aquisição de vocábulos, conteúdos e também para o aprendizado gramatical (Figura 1).

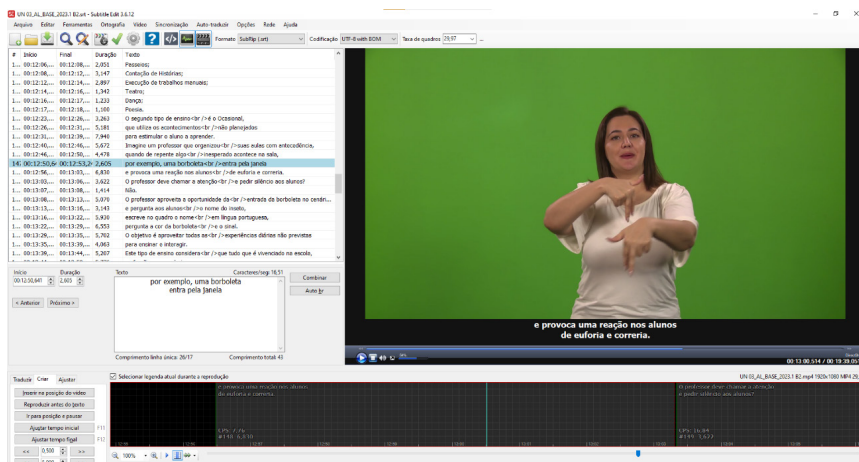


Figura 1 - Subtitle Edit: interface do programa usado para legendagem

Na produção dos principais materiais utilizados no curso, a legendagem e a locução dos materiais didáticos da plataforma favorecem o aprendizado de Libras dos alunos ouvintes do curso, tendo em vista que as aulas são sinalizadas e contam com esses recursos para tornar o material acessível para os dois grupos de alunos contemplados, “procurando utilizar recursos tecnológicos de ponta e pesquisas pedagógicas que visam a abordar o ensino online e a educação de surdos.” (Pinto, 2018, p. 43).

De fato, a produção dos materiais começa pela elaboração das aulas pelos professores, em seguida os roteiristas adequam o conteúdo programático à estética audiovisual, com posterior aprovação dos professores. Depois, o material passa pela tradução do português para Libras e posterior gravação em estúdio, na qual o próprio profissional tradutor se torna o apresentador da videoaula. Com a gravação pronta, começamos a etapa de edição com o trabalho dos videografistas que desenvolvem toda a identidade visual das disciplinas, inserindo animações idealizadas pelos professores, imagens e *letterings*.

Logo após, começa o trabalho de legendagem (figura 1), com auxílio do aplicativo Subtitle Edit. Nesse momento, pensamos na segmentação das frases de forma a agilizar a leitura dos alunos surdos que são leitores L2 da língua portuguesa e se beneficiam de uma organização mais concisa para aproveitar não só as legendas, mas toda a riqueza de detalhes que o material traz. Na sequência, é produzida a locução, que também é um recurso de acessibilidade para os alunos ouvintes que ainda estão aprendendo Libras.

Dessa maneira, o material segue para os editores darem os ajustes finais e, finalmente, após revisão para validar o trabalho da equipe, o vídeo pronto vai para

os *designers* instrucionais que o colocam no ambiente virtual de aprendizagem. Assim, o material é disponibilizado para os alunos (figura 2).

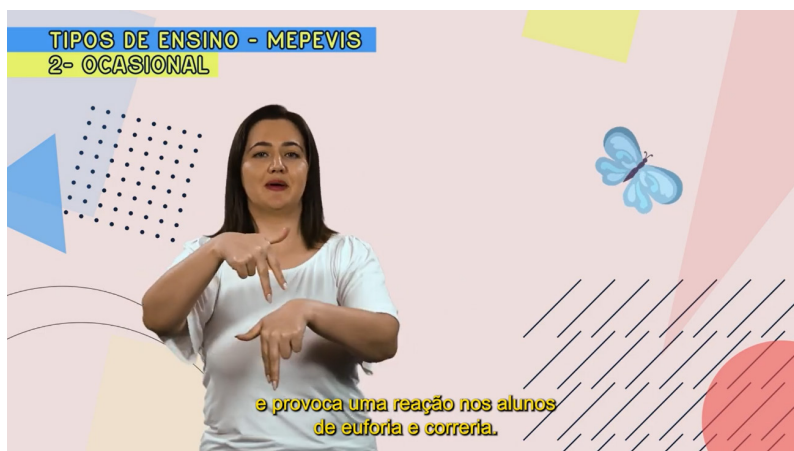


Figura 2 - Tradução e apresentação: Alessandra Scarpin; Videografismo: Felipe Mesquita

Em suma, os profissionais que criam materiais didáticos desempenham um papel vital no progresso da qualidade da educação, na capacitação de professores e no sucesso dos alunos. Também contribuem para a construção de uma base sólida de conhecimentos e habilidades, que é essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes. Torres *et al.* (2016, p. 119) esclarecem que “[o] trabalho com estudantes surdos de todos os níveis de ensino exige do professor habilidades específicas e o uso de recursos didáticos que possibilitem o acesso dos alunos aos conteúdos trabalhados de modo a criar condições para uma aprendizagem eficaz”. Por isso, a equipe de produção de materiais didáticos do curso de Pedagogia EaD (DESU/INES) planeja e elabora cada etapa com todo carinho e profissionalismo para ofertar uma educação de qualidade aos alunos.

Considerações finais

A legendagem é um importante dispositivo de acessibilidade para os sujeitos surdos. Por meio das legendas de materiais audiovisuais, eles conseguem se apropriar de informações e conteúdos que são ofertados. Assim, reiteramos que artefatos audiovisuais pedagógicos legendados contribuem para promover o multiletramento dos alunos surdos.

Diante dos entraves que ainda rondam a educação bilíngue de surdos, dentre

eles está a falta de materiais didáticos pensados para esse alunado. Por essa razão, cada tema abordado neste artigo está intrinsecamente ligado, aperfeiçoando o momento da elaboração dos materiais didáticos voltados para os alunos surdos no curso de Pedagogia EaD (DESU/INES) e também para as especificidades dos alunos ouvintes.

Como direcionamentos futuros, apontamos a necessidade de investigar parâmetros para a legendagem de videoaulas bilíngues, um tópico que até o momento tem recebido pouca atenção nas pesquisas, resultando na escassez de material bibliográfico disponível. À vista disso, pesquisamos em busca de um modelo de legendagem que atenda aos surdos (Araújo, 2008). Com este trabalho, objetivamos estimular o uso das legendas como recurso didático por profissionais da educação bilíngue de surdos que estejam envolvidos na criação de materiais didáticos.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. Revista Científica: ABED, São Paulo, v. 10, n. 7, p.83-92, 2011. Disponível em: http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf . Acesso em: 16 out. 2023.

ANDREIS-WITKOSKI, S. DOUETTES, B. B. Educação bilíngue de surdos: implicações metodológicas e curriculares, 2015. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/1semestre_2015/educacao_bilingue_texto_apoio.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021.

ARAÚJO, V. L. S. Por um modelo de legendagem para Surdos no Brasil. In Veras, V. (org.). Tradução e Comunicação, Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo: UNBERO, n. 17, p. 59–76. 2008. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/traducom/article/view/2084> . Acesso em: 15 out. 2023.

AZEVEDO, M. I. et al. Legendagem para surdos na perspectiva bilíngue: algumas reflexões. Arqueiro / INES. Rio de Janeiro. v. 38 (jul-dez), p.72-83, 2018.

BAALBAKI, A. C. F. Línguas, escola e sujeito surdo: análise do “Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa”. In: Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato. Niterói, RJ. v. 26, n. 53, p. 323-342, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/issue/view/2217>. Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm . Acesso em: 17 out. 2023.

_____. Decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Decreto Nº 9.057, de 25 de Maio de 2017. BRASIL, 30 maio 2017. Republicação. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm >. Acesso em: 17 out. 2023.

_____. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. BRASIL, Presidência da República Casa Civil. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm >. Acesso em: 17 out.

2023.

_____. Lei nº 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, de 24 de abril de 2002. Publicada no Diário Oficial da União em 25/04/2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 17 out. 2023.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 17 out. 2023.

_____. Lei nº 14.191. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos, de 03 de agosto de 2021. Publicada no Diário Oficial da União em 04/08/2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm. Acesso em: 17 out. 2023.

FELIPE, T. A. Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas. Revista Fórum/ Instituto Nacional de Educação de Surdos. Rio de Janeiro. v. 1, n. 25-26, p. 2 – 22, jan. / dez. 2012. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/285> . Acesso em: 19 out. 2023.

FERNANDES, S. Avaliação em Língua Portuguesa para alunos surdos: Algumas considerações. (2006). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/janeiro2013/otp_artigos/sueli_fernandes.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Experiência Visual e Surdez: Discussões sobre a necessidade de uma “Visualidade Aplicada”. Revista Fórum, jan/dez, n. 29 e 30, 2014, pp. 13-25.

LIMA, C. M. de. Educação de surdos: desafios para a prática e formação de professores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

LOBO, L. F. Os infames da história: Pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MELO, C. T. V. de. O documentário como gênero audiovisual. In: Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p.23-38, jan/dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 19 out. 2023.

MORAES, Fernanda Pacheco de. PIERONI, Geraldo. A voz da tipografia no cinema antes do som sincronizado: Cinema Mudo? Revista Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 56, c. 5. Curitiba, 2018. 74-103 p.

MOTTEZ, B. Os Surdos como minoria linguística. Tradução: Maria Vitória Witsch. In: Revista Espaço. Rio de Janeiro, n. 48, jul-dez., p. 21-34, 2017. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/395> . Acesso em: 07 jul. 2023.

NASCIMENTO, G. V. S. Para ler vozes na tela: a escola como potencializadora das legendas como recurso de acessibilidade para Surdos. UFGD, 2018. 252f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jsui/handle/prefix/382> . Acesso em: 19 out. 2023.

PESSÔA, V. C. L. MORAIS, F. B. C. de. Supressões de elementos da transitividade em legendas para surdos: perspectivas didáticas e contribuições linguísticas. In: Perspectivas para o ensino de línguas, volume 7. SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (orgs.). Rio Branco, AC: Eudfac, 2020, pp. 19-34. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/PerspectivasLinguas7.pdf> . Acesso em: 06 jul. 2023.

PINTO, R. de C. D. O uso de objetos educacionais na educação de surdos. TCC (Graduação em Pedagogia). Rio de Janeiro: INES, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/1108> . Acesso em: 18 out. 2023.

SALES, M. V.S. Uma reflexão sobre a produção do material didático para EaD. Universidade do Estado da Bahia. UNEB, 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/044tcf5.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2023.

STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Tradução Marcos Bagno. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 8, p. 465-488, 2007.

TORRES, M.C.E. et al. Legendando filmes para alunos surdos: uma experiência em construção no Departamento de Ensino Superior do INES. Fórum/INES. Rio de Janeiro. n.34 (jul-dez), 2016, p. 118-129. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/60>. Acesso em 17 out. 2021

TV INES. A vida em Libras - História do cinema (14:10 min.). Educação de Surdos / DEBASI - INES. Youtube. 01 jul. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOq0wCX7Fw0>. Acesso em: 19 out. 2023.